

**Bordando paisagens ancestrais:
Uma experiência pedagógica unindo pesquisa, ensino e extensão.**

SESSÃO TEMÁTICA: PROCESSOS FORMATIVOS SOBRE A PAISAGEM

Bruna dos Santos Azevedo
Universidade Federal da Bahia
E-mail: brunita.azevedo@gmail.com

Camila Gomes Sant'Anna
Universidade de Brasília
E-mail: camila.santanna@unb.br

RESUMO

O artigo apresenta uma estratégia pedagógica usada no ensino da Arquitetura da Paisagem no contexto contemporâneo, a partir da disciplina **ARQC73 – Sensibilização da Paisagem** (UFBA), estruturada como experiência extensionista voltada a compreender paisagens cotidianas de Salvador, com ênfase nas paisagens de terreiros e suas plantas sagradas. Parte da disciplina foi fundamentada em uma pesquisa que teve como foco a elaboração de um **catálogo de paisagem** do terreiro Ilê Axé Ewá Omin Nirê, no bairro do Cassange em Salvador, produzido por uma estudante de iniciação científica e utilizado como base para as atividades pedagógicas. A metodologia envolveu uma visita guiada ao terreiro, conduzida pela pesquisadora/estudante e também pela Yalorixá responsável do terreiro, Mãe Diana, explorando dimensões multisensoriais da paisagem e evidenciando sua relação com a espiritualidade e a memória ancestral. Como registro sensível da experiência, os estudantes realizaram bordados manuais, valorizando técnicas ancestrais e o envolvimento corporal no processo criativo. Ao final, produziram dois **fanzines**, um individual, sobre plantas sagradas, e outro coletivo, que integrava conteúdos pessoais e experiências da visita. Os resultados evidenciaram diversidade expressiva, autonomia criativa e o fortalecimento da interface entre ensino, pesquisa e extensão.

PALAVRAS-CHAVE: bordados; arquitetura da paisagem; fanzine; paisagem ancestral; candomblé.

ABSTRACT

The article presents a pedagogical strategy used in the teaching of Landscape Architecture in a contemporary context, based on the course ARQC73 – Landscape Sensitization (UFBA), structured as an extension experience aimed at understanding everyday landscapes in Salvador, with an emphasis on terreiro landscapes and their sacred plants. Part of the course was grounded in a research project focused on the development of a landscape catalog of Ilê Axé Ewá Omin Nirê, located in the Cassange neighborhood of Salvador, produced by an undergraduate research student and used as a foundation for the pedagogical activities. The methodology involved a guided visit to the terreiro, led by the researcher and the Yalorixá Mãe Diana, exploring the multisensory dimensions of the landscape and highlighting its relationship with spirituality and ancestral memory. As a sensitive record of the experience, the students created hand embroidery pieces, valuing ancestral techniques and bodily engagement in the creative process. In the end, they produced two fanzines: one individual, focused on sacred plants, and another collective one that integrated



personal content and experiences from the visit. The results demonstrated expressive diversity, creative autonomy, and the strengthening of the interface between teaching, research, and extension.

KEYWORDS: embroidery; landscape architecture; fanzine; ancestral landscape; Candomblé.

1 INTRODUÇÃO

No início do século, o paisagista Christopher Girot indagou se a paisagem se tornaria a única panaceia ambiental do próximo século (GIROT, 1999). A discussão sobre o papel da paisagem no desenho do território é antiga e nos últimos anos tem ganhado cada vez mais espaço, devido ao fato da paisagem abraçar a relação visceral entre natureza e cultura (humanidade), respondendo a transformação que o Antropoceno requer, ou seja, o reconhecimento que a sobrevivência da humanidade depende da expectativa de vida na terra e, por isso, salvar o planeta tornou-se uma urgência (LATOUR, 1994). Como alerta o líder indigenista Ailton Krenak, “quando nós acabamos com todas as paisagens da Terra, nós entramos em coma”. (2016, p 66).

Frente a este cenário, é necessário se debater cada vez mais sobre o ensino da Arquitetura da Paisagem nos Cursos de Arquitetura e Urbanismo, refletindo sobre uma prática engajada no contexto no qual ela se insere, principalmente na cidade de Salvador.

A disciplina ARQC73 - Sensibilização da Paisagem, foi realizada no semestre 2025.1, junto com a reformulação do Plano Político e Pedagógico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A disciplina, que é optativa, surgiu no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFG (Campus Goiás), no entanto no contexto da UFBA, tornou-se extensionista. Com o objetivo de desenvolver metodologias de sensibilização da paisagem e seus aspectos que aprofundem a compreensão das experiências cotidianas da cidade, indo além dos aspectos turísticos e patrimoniais. A disciplina visa incentivar a população a compreender e a imaginar sua paisagem cotidiana, explorando suas dinâmicas, apropriações e transformações. Para tanto, no contexto baiano, abordou as paisagens de terreiros e suas plantas sagradas.

A Disciplina explorou diferentes territórios de terreiros e instituições que abordam o tema, como a Fundação Pierre Verger. E um dos terreiros estudados foi o Ilê Axé Ewá Omin Nirê, situado no bairro do Cassange, na periferia de Salvador, capital da Bahia. Para tanto, contou com a participação de uma estudante de iniciação científica, que desenvolveu, no período de setembro de 2024 a março de 2025, um catálogo de paisagem de terreiro de candomblé keto.

O objetivo deste artigo é apresentar a metodologia de sensibilização da paisagem, desenvolvida no contexto da visita ao terreiro, as ferramentas pedagógicas aplicadas para alcançar essa sensibilização e como se deu a interface entre ensino, pesquisa e extensão ao longo da disciplina.

2 DA PESQUISA A EXTENSÃO: o uso de um catálogo de paisagem produzido na iniciação científica em uma disciplina extensionista.

Um catálogo de paisagem é um instrumento de gestão que tem como seus principais objetivos identificar e representar cartograficamente elementos, valores e dinâmicas das paisagens. Surgiram, inicialmente, como um instrumento de gestão e ordenamento territorial desenvolvido em resposta às diretrizes estabelecidas pela Convenção Europeia da Paisagem¹ no ano 2000. Esses catálogos têm como principal finalidade identificar e mapear os elementos, valores e dinâmicas das paisagens, e assim “implantar uma nova cultura de organização territorial baseada em uma gestão prudente e de um olhar novo e imaginativo do solo não urbanizável e da paisagem em seu conjunto” (Nogué, Sala, Grau, 2018, p. 12, tradução nossa). Assim, o catálogo de paisagem torna-se um mecanismo para registrar, evidenciar e valorizar as potencialidades paisagísticas, contribuindo para sua preservação ao reafirmar memórias e culturas associadas aos territórios.

Durante o período de setembro de 2024 e março de 2025, desenvolvemos, como projeto de iniciação científica um catálogo da paisagem de um terreiro de candomblé keto. Ao estudar a cultura e paisagem ancestral que formam os terreiros tradicionais de candomblé através da construção do catálogo de paisagem, pudemos enxergar a possibilidade desses espaços serem agentes de mitigação frente aos agravamentos das problemáticas ambientais. Já que são pulmões verdes, joias esmeraldas encravadas em meio a cidade de Salvador, adensada e repleta de infraestruturas cinzas mal posicionadas.

Para elaborar o catálogo de paisagem do terreiro foi necessário primeiro fazer um estudo teórico que buscou compreender qual a relação entre candomblé, natureza e paisagem. Depois nos debruçamos na tentativa de entender a história da conformação do bairro do Cassange na periferia de Salvador, onde o terreiro está localizado, bem como a história da o próprio terreiro. Para tanto, usamos fontes variadas que foram desde as leis de uso do solo e ambientais que incidem no território, até a documentação fundiária e a história oral do Ilê elaborada com entrevistas na comunidade. Só após esse processo de aproximação teórica fomos a campo e da observação das dinâmicas desenvolvidas entre a comunidade e a paisagem do terreiro construímos o catálogo que se expressou em diversos mapas e tabelas confeccionados numa tentativa de apreender de forma qualitativa os valores daquela paisagem. A pesquisadora responsável pelo catálogo é filha de Santo da Casa, o que auxiliou na aproximação junto com a comunidade. Frente aos resultados obtidos, refletimos sobre a possibilidade de utilizar o conteúdo produzido nessa pesquisa de iniciação científica na disciplina extensionista de Sensibilização da paisagem que foi ministrada para 15 estudantes, onde desses apenas três já tinham tido a oportunidade de ir a um terreiro de candomblé.

A proposta pedagógica criada compreendeu uma visita ao terreiro, com a definição de um roteiro de condução com material de apoio, um exercício de registro da experiência a partir

¹ A Convenção Europeia da Paisagem ou Convenção de Florença, assinada em outubro de 2000, foi o primeiro tratado internacional com foco na Paisagem, dedicando-se à proteção, gestão e ordenamento das paisagens europeias.

do bordado manual e o trabalho final da disciplina desenvolvido sobre o Ilê e esta experiência por uma equipe de estudantes.

2.1 A visita ao terreiro Ilê Axé Ewá Omin Nirê

A atividade foi conduzida pela estudante de iniciação científica, em conjunto com a Yalorixá responsável pela casa, Mãe Diana de Oxum, que, por meio da oralidade, compartilhou saberes sobre as relações entre a paisagem, as plantas sagradas e a comunidade. O objetivo foi introduzir os estudantes ao território do terreiro a partir de sua vegetação e dos significados atribuídos a ela dentro das cosmovisões que estruturam o lugar, evidenciando a profunda conexão entre natureza, espiritualidade e prática cotidiana.

No início da visita foi feita uma fala introdutória apresentando a atividade e sua relação com a pesquisa de iniciação científica (Fig.01). A visita guiada ao terreiro teve a duração de quatro horas, percorrendo as unidades de paisagem definidas pelo catálogo: o sítio, o terreiro e a mata.

Unidades de paisagem são porções do espaço com características próprias, cuja definição constitui “o primeiro passo para analisar e descrever suas características internas, analisar seu estado atual e descrever as dinâmicas que a levaram a adquirir a aparência atual” (Nogué, Sala, Grau, 2018, p. 48, tradução nossa).

O primeiro ponto levantado foi uma breve explicação sobre o que era um catálogo de paisagem e o porquê de o território ter sido dividido em três unidades diferentes (Fig.02).

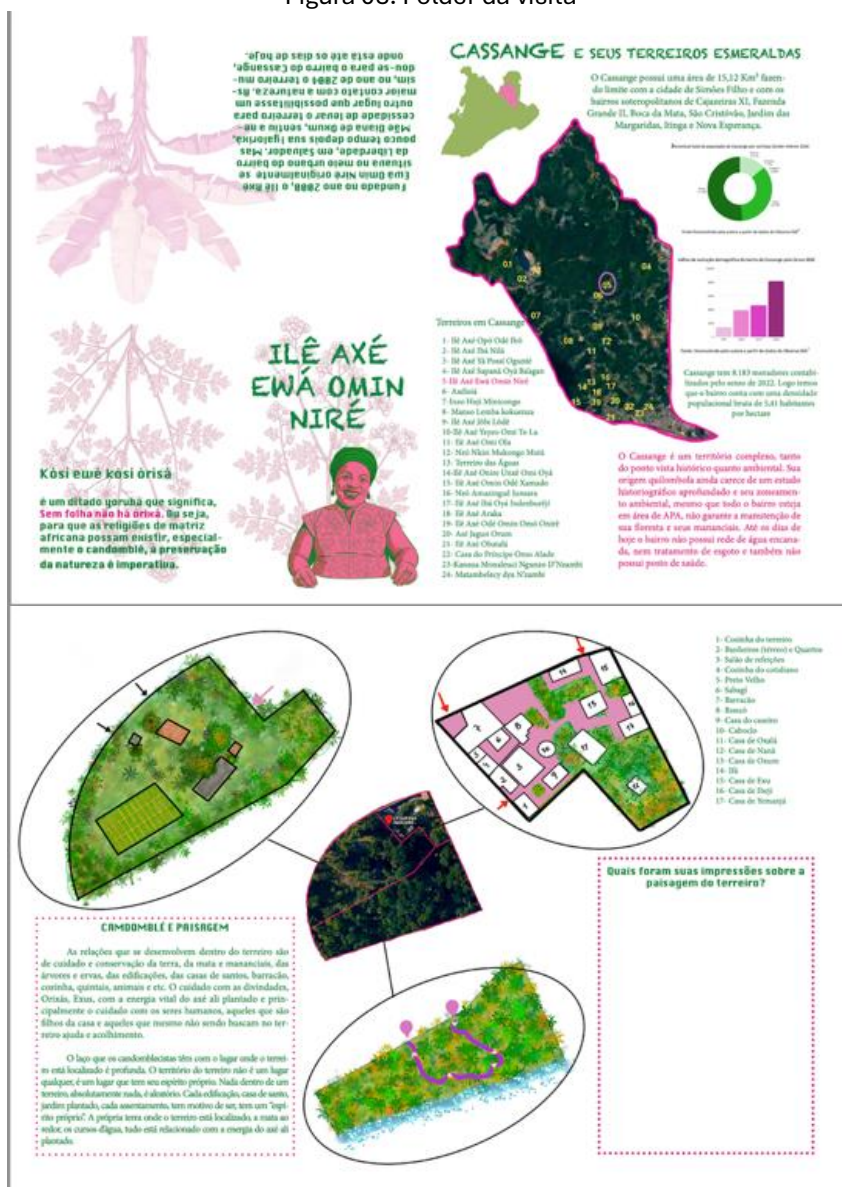
Figura 01 e 02: Fala introdutória durante a visita



Fonte: autoria própria, 2025.

Nesse momento também foi distribuído um folder em dobraduras (Fig.03), tamanho A3, que ao ser desdobrado revelava um mapa do terreiro e suas unidades de paisagem com o percurso a ser desenvolvido no passeio guiado, com um breve resumo da história do Ilê, um mapa do bairro do Cassange, gráficos e informações para contextualizar a região que foram desenvolvidos na pesquisa de iniciação científica já citada.

Figura 03: Folder da visita



Fonte: autoria própria, 2025.

Visitou-se cada uma das unidades de paisagem e Mãe Diana foi mostrando as plantas, coletando folhas, coletando frutas, explicando usos e significados de cada uma, o que proporcionou aos estudantes uma experiência multissensorial da paisagem, o que é justamente é um dos objetivos da disciplina: proporcionar aos estudantes a possibilidades de vivenciar a paisagem através de seus corpos (Fig. 04). Como Juhani Pallasmaa afirma em sua obra *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos* “cada experiência tátil com a arquitetura é multissensorial; as qualidades da matéria, do espaço e da escala são medidas pela visão, audição, olfato, pele, língua, esqueleto e músculos.”(2011, p. 41).

Dessa forma, na medida que a visita se desenrolava o grupo foi incentivado a tocar as diferentes espécies de plantas, sentir seus aromas e texturas, coletar e provar frutas, observar as particularidades das edificações, especialmente daquelas que são chamadas de "casas de santo" e que possuem cores, formatos e ornamentos diferentes para cada

orixá. E ao caminhar e colocar seus corpos para vivenciar a paisagem puderam sentir a especificidade da composição da paisagem de um terreiro de candomblé, onde o não edificado é tão importante e revelador quanto o edificado, por ser tratar de uma paisagem construída por muitas mãos ao longo dos anos e que materializa a memória ancestral trazida da África.

“Nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o ambiente; o mundo e o eu se informam e se redefinem continuamente. A percepção do corpo e a imagem do mundo se transformam em uma única experiência existencial contínua; não há corpo separado de seu domicílio no espaço, e não há espaço dissociado da imagem inconsciente do eu que percebe.” (Pallasma, 2011, p. 38)

Portanto, ao vivenciar a paisagem ancestral de um terreiro de candomblé, o grupo pode se conectar com a "baianidade", com um dos elementos mais específicos e pungentes da cultura da cidade de Salvador, que é justamente uma determinada sacralização dos elementos da natureza, das águas, das matas, praias etc. e que tem sua origem no candomblé.

Figura 04: Casa de Oxum



Fonte: autoria própria, 2025.

Após a caminhada pelo território, Mãe Diana ofereceu o *ajeun*, momento tradicional e sagrado em que a comida é partilhada como gesto de fé, comunhão e fortalecimento dos vínculos espirituais e comunitários (Fig. 05). Mais do que uma refeição, o *ajeun* constitui um ritual de acolhimento e transmissão de saberes, no qual o alimento opera como mediador simbólico entre corpo, território e ancestralidade. Na ocasião, foram servidos aipim cozido, banana-da-terra cozida, calabresa frita, café e mungunzá, compondo um cardápio que expressa práticas alimentares vinculadas à cultura afro-brasileira e às dinâmicas cotidianas do terreiro. Durante esse momento de descontração e cuidado coletivo, enquanto o grupo se alimentava, emergiram conversas, relatos e trocas de percepções sobre a experiência vivida ao longo da visita, permitindo que os estudantes

elaborassem coletivamente suas impressões e compreendessem de forma mais ampla as dimensões simbólicas, ambientais e sociais do território.

Figura 05: Ajeun



Fonte: autoria própria, 2025.

3 O BORDADO COMO TÉCNICA MANUAL ANCESTRAL E COMO REGISTRO DA EXPERIÊNCIA NA PAISAGEM

Após conhecer a paisagem do terreiro decidimos explorar outras formas de registrar a experiência vivida pelos estudantes durante a visita, uma que não passasse pelos meios digitais e até mesmo os analógicos tradicionalmente ensinados no curso de Arquitetura e Urbanismo. Optamos, então, pelo bordado manual, que é uma técnica antiga e amplamente difundida em diferentes países e culturas pelo mundo, mas que atualmente não é muito popular entre os jovens.

A intenção ao escolher essa técnica era justamente a de trazer à tona a discussão das formas ancestrais de arte e comunicação e mais uma vez envolver o corpo no processo de pensar e sentir a paisagem. A princípio vários os estudantes se mostraram resistentes à ideia de bordar, alegando que nunca tinham feito, que não possuíam habilidades para trabalhos "delicados", que não tinham "paciência para esse tipo de coisa" e muitos outros comentários que revelavam o não lugar que certas técnicas manuais possuem dentro da academia.

"Por algum tempo, as ditas artes aplicadas ou artesanato, foram vistas à parte das técnicas consagradas como a escultura, pintura, e até mesmo a fotografia. Os estigmas vinculados a tais técnicas estiveram ligados diretamente aos estigmas de classe, gênero e raça na cultura ocidental; o que impediu, durante muito tempo, que essas técnicas fossem estudadas a partir de um prisma teórico que as reconhecesse e valorizasse como meios que podem fornecer processos criativos e poéticos tão relevantes quanto outras mídias, bem como as relações que estabelecem com o meio social, o corpo, a subjetividade e a cultura." (Dias, 2019, p.52)

Para executar a atividade do bordado oferecemos ao grupo bastidores, agulhas, linhas miçangas, entre outros, e um quadrado de tecido de algodão cru que media 25cm de lado. Nos sentamos em círculo e pedimos que eles que tentassem colocar naquele suporte, o tecido, e usando os materiais ali disponíveis as impressões que tiveram da visita ao terreiro de Mãe Diana de Oxum. A princípio alguns alunos demonstraram dificuldade em manipular a agulha e a linha, já outros rapidamente começaram a desenvolver o trabalho com certa habilidade, contudo pouco tempo depois estavam todos, sem exceção, bordando e conversando de forma muito relaxada e descontraída. E para surpresa as conversas passaram a evocar assuntos de família, confidências amorosas e memórias de infância. Rapidamente o grupo entrou em sintonia e no final do dia, ao terminar a aula, ninguém queria parar de bordar. Todos pediram para levar os materiais para casa para que pudessem continuar bordando.

Figura 6: Estudantes bordando



Fonte: autoria própria, 2025.

Os estudantes, professores e a tirocinante se surpreenderam ao final da atividade com as possibilidades que o bordado havia trazido, desde a qualidade estética dos trabalhos desenvolvidos, até a diversão que o ato de bordar trouxe. Pois, ao vencermos a barreira inicial do preconceito relacionado à técnica manual, provamos que ao

"...utilizar o bordado como forma de cartografar, de registrar as marcas instauradas no corpo. Percebendo o tecer como ato performático, ancestral, e também parte essencial da realidade cotidiana, reconhecendo sua potência em materializar devires; de existencializá-los, como também considerando os devires provocados pelo ato de bordar. A interferência do bordado sobre esse território faz parte de um processo de ressignificação, de retomada desse lugar de pertencer, onde a linha e a agulha entram delineando afetos, inscrevendo os processos que o corpo passa." (Dias, 2019, marina p. 58)

Depois de prontos, os pedaços quadrados de tecido bordados foram unidos, como se fosse uma colcha de retalhos e juntos formaram uma composição muito interessante que foi fotografada e doada a Mãe Diana de Oxum como forma de agradecimento.

Figura 7: Uma das partes do bordado final



Fonte: autoria própria, 2025.

Figura 8: Bordado final



Fonte: autoria própria, 2025.

4 O FANZINE

Ao final do semestre, após a realização da visita guiada e do bordado, como forma de materializar todos os conhecimentos adquiridos e experiências vividas, a professora e a tirocinante requisitaram que os alunos construíssem dois fanzines.

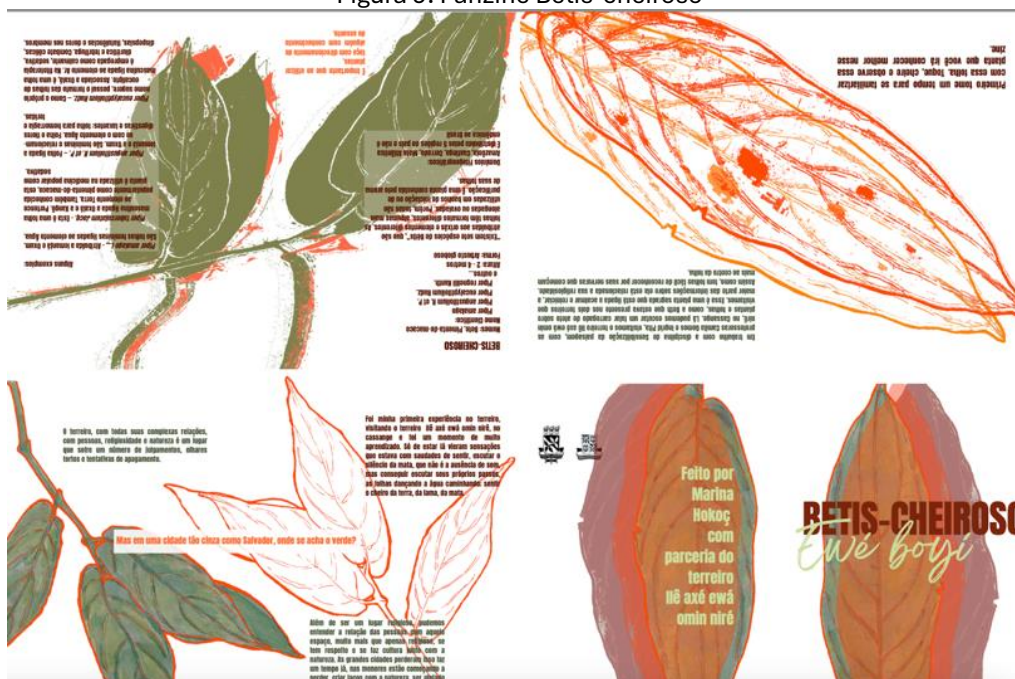
O fanzine, comumente chamado de zine, pode ser definido como uma forma de publicação independente, de caráter não comercial e geralmente produzida de maneira artesanal, que se insere no campo das práticas editoriais alternativas. Sua origem está

associada às primeiras comunidades de fãs de ficção científica nas décadas de 1930 e 1940, quando leitores passaram a produzir materiais próprios para compartilhar ideias, textos e críticas fora dos canais editoriais tradicionais (Magalhães, 1993). Ao longo do século XX, o fanzine consolidou-se como um meio de circulação de discursos marginais, permitindo experimentações gráficas, narrativas e políticas, caracterizando-se pela estética do “faça você mesmo” (DIY), pela liberdade formal e pela baixa tiragem.

No contexto contemporâneo, os fanzines assumem relevância acadêmica por constituírem dispositivos de comunicação que tensionam as fronteiras entre produção cultural hegemônica e expressões comunitárias ou contraculturais. Funcionam como suportes para grupos sociais produzirem memória, identidade e crítica, oferecendo um espaço de autonomia criativa e editorial. Além disso, seu caráter híbrido que combina texto, imagem, colagem e experimentação gráfica e permite abordagens interdisciplinares nos campos da comunicação, artes visuais, estudos culturais em geral, sendo reconhecido como um meio legítimo de produção e circulação de saberes emergentes.

Inicialmente foi realizada uma aula para introduzir o conceito de fanzine aos estudantes e dar-lhes referências sobre as diferentes possibilidades que essa forma de publicação permite. O primeiro fanzine foi construído individualmente e deveria ter como tema uma espécie de planta sagrada existente nos lugares visitados, de forma que cada aluno escolheu uma espécie diferente do outro e objetivaram se aprofundar sobre suas propriedades medicinais e sua simbologia cultural e litúrgica.

Figura 9: Fanzine Betis-cheiroso



Fonte: autoria própria, 2025.

No segundo fanzine, os estudantes organizaram-se em grupos com a proposta de elaborar uma visita guiada autoral a um dos locais previamente explorados na disciplina. A publicação deveria servir como suporte conceitual e narrativo para essa visita, funcionando tanto como guia quanto como registro crítico da relação do grupo com a paisagem escolhida. Além disso, cada grupo deveria integrar ao novo zine o material

produzido individualmente no primeiro fanzine, de modo a articular perspectivas pessoais e coletivas em um único trabalho editorial.

O conjunto de resultados revelou-se particularmente expressivo. Cada grupo desenvolveu formatos, linguagens visuais e estratégias editoriais distintas, produzindo uma experiência pedagógica não homogeneizante, na qual cada estudante pôde manifestar de forma singular seu processo de aprendizagem e sua vivência sensível da paisagem. As produções mesclaram livremente técnicas manuais e digitais como desenho, colagem, fotografia e escrita, evidenciando a diversidade de repertórios presentes na turma. Para compartilhar o conhecimento construído ao longo do semestre e socializar os zines, realizamos uma aula ao ar livre acompanhada de um lanche coletivo, recriando, à nossa maneira, a experiência do *ajeun* vivenciada no terreiro. Essa dinâmica permitiu que cada estudante observasse e aprendesse com o trabalho dos demais, ampliando o contato com diferentes possibilidades de expressão gráfica, textual e sensorial.

Figura 10 e 11: Compartilhando os zines criados



Fonte: autoria própria, 2025.

Figura 12: Um dos zines finais



Fonte: autoria própria, 2025.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre a totalidade do processo pedagógico aplicado na disciplina de sensibilização da paisagem podemos concluir que a pluralidade de técnicas aplicadas e o incentivo a manualidade foi muito positivo para acrescentar novas possibilidades ao repertório dos estudantes de arquitetura de urbanismo. O uso de técnicas manuais e analógicas no processo criativo em arquitetura da paisagem oferece benefícios significativos ao favorecer uma relação mais direta, sensorial e intuitiva com o objeto de estudo. Ao desenhar à mão, modelar fisicamente ou manipular materiais, a estudante ativa percepções táteis, espaciais e corporais que enriquecem a compreensão das formas, escalas e texturas, permitindo uma exploração mais livre e espontânea das ideias. Esses métodos também estimulam a reflexão lenta, a atenção plena e a capacidade de observação, qualidades fundamentais para lidar com a complexidade das paisagens e dos espaços construídos. Além disso, a produção manual cria uma distância das ferramentas digitais, abrindo espaço para a experimentação e a descoberta de soluções não lineares. Assim, técnicas analógicas funcionam como importantes mediadoras entre pensamento e matéria, fortalecendo a sensibilidade e ampliando a diversidade de linguagens no campo da arquitetura e do paisagismo.

Recuperar o bordado, enquanto prática manual e expressiva, se mostrou uma ferramenta pedagógica potente por articular saberes sensoriais, cognitivos e afetivos no processo de aprendizagem. Sua natureza lenta e repetitiva favorece a atenção, a concentração e a escuta de si, criando um ambiente propício para o desenvolvimento da paciência, da precisão e do pensamento reflexivo. Ao envolver diretamente o corpo, especialmente o tato e a coordenação motora fina, o bordado estimula formas de conhecimento que escapam aos métodos exclusivamente verbais ou abstratos, permitindo que estudantes construam entendimento por meio da experiência material. Além disso, o ato de bordar convoca memórias, narrativas e simbolismos, tornando-se um meio privilegiado para trabalhar identidade, cultura e subjetividade no contexto educativo.

No âmbito coletivo, o bordado possibilitou a criação de espaços colaborativos de aprendizagem, nos quais estudantes compartilharam técnicas, histórias e modos de fazer. Essa prática favoreceu a construção de vínculos e a valorização de saberes diversos, incluindo aqueles tradicionalmente considerados menores ou domésticos, reposicionando-os como conhecimentos legítimos dentro da universidade.

Como ferramenta pedagógica, o bordado amplia as metodologias de ensino ao juntar as dimensões artísticas, culturais e emocionais, promovendo uma abordagem interdisciplinar capaz de conectar teoria e prática, sensibilidade e crítica. Dessa forma, o bordado se torna não apenas uma atividade manual, mas um dispositivo educativo que acolhe múltiplas formas de aprender e ensinar. Transgredindo preconceitos de gênero e o etarismo que associa o bordado aos idosos de forma pejorativa.

O mesmo pode ser dito sobre o fanzine, ao incentivar os alunos a produzirem fanzines como método pedagógico buscou-se promover autonomia criativa, pensamento crítico e expressão autoral dentro do processo de aprendizagem. A prática do fanzine estimula a experimentação gráfica e textual, permitindo que os estudantes articulem conteúdos da disciplina de forma pessoal e significativa, transformando conhecimentos teóricos em narrativas visuais, colagens, desenhos e reflexões próprias. Por ser um formato acessível, artesanal e não hierárquico, o fanzine rompe com padrões tradicionais de avaliação e abre espaço para múltiplas linguagens, valorizando diferentes modos de aprender e comunicar. Além disso, o processo coletivo de troca entre os alunos fortalece a construção

compartilhada do saber, favorece o diálogo e amplia a percepção sobre diversidade estética possível.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos alunos, professores, a tirocinante e, de modo geral, ao terreiro Ilê Axé Ewá Omin Nirê, em especial Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, em especial Mãe Diana de Oxum. Ao Pró-reitor Guilherme Bertissolo e à Coordenadora de Produção de Difusão da Extensão, Rita Ferreira de Rita Ferreira de Aquino. Ao diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Fábio Velame e à coordenadora de Extensão, Thaís Portela. Gostaríamos de agradecer a Cnpq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa concedida.

REFERÊNCIAS

DIAS, Marina de Aguiar Casali. Bordado e subjetividade: o bordado como gesto cartográfico. **Palíndromo**. Florianópolis, v. 11, n. 23, p. 50-61, janeiro 2019.

GIROT, Christoper. **Four Trace Concepts in Landscape Architecture**. In: Recovering landscape: essays in contemporary landscape architecture. Princeton Architectural Press. Disponível em: https://parksandrec4.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/06/02_girot_four-trace-concepts.pdf. Acesso em: 20. Abr 2026

KRENAK, A. (2016). “Alianças vivas” (Entrevista realizada por Pedro Cesarino). In: Krenak, Ailton (2017). **Ailton Krenak**: Coleção Tembetá . Cohn, Sergio; Kadiwel, Idjahure (orgs.), Rio de Janeiro, Brasil: Azougue.

LATOUR, B. **Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno**. Revista De Antropologia, 57(1), p.11-31, 2014.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993. Coleção Primeiros passos. Disponível em: <https://dodopublicacoes.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/03/oqueefanzine.pdf>. Acesso em: 20 abr 2026

NOGUÉ i Font, Joan; SALA I MARTÍ, Pere; GRAU OLIVEIRA, Jordi; Observatorio del Paisaje (Cataluña). **Los catálogos de paisaje de Cataluña: Metodología**. Barcelona: ATLL, 2018. Disponível em: https://content.catpaisatge.net/uploads/Documents_3_ESP_0fd6a002c3.pdf?updated_at=2023-04-10T19:14:47.296Z. Acesso em: 20 out. 2024.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.